

**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**PAVÃO MISTERIOSO:
RELIGIOSIDADE E SIMBOLISMO NO CORDÃO DE PÁSSAROS
DO MOCAMBO DO ARARI, PARINTINS**

GT 5: CATOLICISMOS AMAZÔNICOS:
DESAFIOS HISTÓRICOS E NOVAS MODALIDADES DE INSERÇÃO SOCIAL

Jéssica Dayse Matos Gomes¹

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Professora de História da rede pública estadual de ensino (SEDUC/AM). E-mail: daysemhp@gmail.com.

A Amazônia possui diversidades religiosas e socioculturais que se constituem de múltiplos aspectos simbólicos em suas territorialidades. A Agrovila de São João do Mocambo do Arari, localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, pertencente ao município de Parintins, região do Baixo Amazonas, limite com o Pará, realiza no mês de julho, desde 2003, seu festival folclórico em que se apresentam quadrilhas, os bois-bumbás Touro Branco e Espalha Emoção, assim como os pássaros Jaçanã e Pavão Misterioso.

A brincadeira do Pavão Misterioso, foco deste estudo, teve sua gênese antes disso, no Lago da Esperança, comunidade vizinha a Agrovila, no ano de 1977, com 60 brincantes, sendo posteriormente realizado no Mocambo do Arari em homenagem a São João Batista, padroeiro da localidade. Atribui-se à senhora Alaíde Pinheiro Bezerra a realização da brincadeira como pagamento de uma promessa feita ao santo.

O Pavão Misterioso é um cordão inspirado na história de outros cordões, sendo que Alaíde a aprendeu ouvindo narrativas de seus pais. Estes relataram experiências com cordões de carnaval, abrangendo sagrado e profano, bem e mal, segundo maniqueísmos comuns em referenciais e míticas compartilhadas no bioma amazônico (CUNHA E FERREIRA, 2014).

A fundadora do cordão acredita nos milagres de santos e também na cura pela medicina tradicional amazônica, e nesse sentido é que o Pavão Misterioso como cordão de promessa é realizado por um conjunto de membros que dançam e cantam, um atrás do outro, em par, dividindo-os em duas alas, e no centro fica o espaço onde os itens fazem a evolução, sendo eles: o caçador e sua mulher, o pajé, os tuxauas, a rainha, o rei, os camponeses, a fada, a rainha da floresta, o agricultor, a porta estandarte, o apresentador, o cantor, os sertanejos, o pescador, o amo do pavão, o tripa, o pavão e o cordão. Também compõem a manifestação itens de homenagem social, como: rainha do esporte, religiosos, lua, estrela e sol.

O cordão de pássaro Pavão Misterioso configura-se como brincadeira criada a partir de promessa a São João Batista. Apresentado inicialmente durante a festa do santo padroeiro do Mocambo, a brincadeira passou em certo período a ser proibida pela Igreja Católica por conta dos componentes anímicos inseridos na festa e ainda em função de discussões em torno do conceito teológico de profano na manifestação da promessa. Para Alvarenga (1960), o fato de as danças dramáticas realizadas coincidentemente em meio a dias de santos e festejos católicos reforça a ideia de que essas danças têm sua raiz ligada ao teatro jesuítico.

Considerando o exposto, procurou-se abordar aspectos religiosos e simbólicos envolvidos na constituição do cordão de pássaro Pavão Misterioso. Buscou-se descrever i) considerações so-

bre os cordões de pássaros na tradição popular amazônica; ii) os elementos religiosos e simbolismos na brincadeira, e iii) Simbolismos e religiosidade no cordão de pássaro Pavão Misterioso do Mocambo. Partiu-se do hipotético de que a brincadeira do Pavão Misterioso possui simbolismos importantes correlacionados a percepções da comunidade mocambense que prestigia o pássaro junino todos os anos na Arena Mocambódromo onde se envolvem crença e tradição familiar no ambiente amazônico.

Considerações sobre os Cordões de pássaros na tradição popular amazônica

Os *Cordões de Pássaros* caracterizam-se como uma manifestação popular simbólica oriunda da cultura indígena do espaço amazônico. Surgem de um cortejo que segue uma ave ornamental com canções, bailados e teatro, tendo como narrativa a morte do pássaro pelo caçador e sua ressurreição pelo pajé ou doutor. Em virtude de se apresentarem sempre no mês de junho, são também conhecidos como Pássaros Juninos (SILVA, 2012; CASCUDO, 1972; MAUÉS, 2010; LOUREIRO, 1995).

Oficialmente, é conhecida a existência de dois tipos de pássaros juninos: i) o chamado *Cordão de Pássaro ou Pássaro Meia Lua*, comum em áreas rurais devido sua apresentação ser realizada em espaços abertos, mantendo seus brincantes em estrutura semicircular o tempo todo em cena; ii) outro chamado *Pássaro Melodrama Fantasia* considerado mais urbano, chamado também de Ópera Cabocla, característico da capital, que absorveu subsídios das óperas e operetas apresentadas no Teatro da Paz em Belém/PA, no período gomífero (MAUÉS, 2010).

Conforme estudos históricos e antropológicos a brincadeira de cordão é frequente no Brasil desde o século XIX (CUNHA E FERREIRA, 2014). Consiste na formação de brincantes enfileirados em grupos, onde os praticantes cantam e dançam um atrás do outro. As pessoas que frequentam a festa de cordão são, em grande maioria, pessoas de classe econômica baixa. Para Santos (2007) as festas revelam em si rituais carregados de simbologias.

Atribui-se ao naturalista inglês Henry Walter Bates um dos primeiros registros sobre Cordões de Bichos na Amazônia. Pesquisando a fauna e a flora para o Museu de Londres desde sua chegada a Belém em 1848, Bates permaneceu na região amazônica por onze anos e ao identificar um Cordão de Bicho apresentado em 1850 durante os festejos de São João, na cidade de Egas, atual cidade de Tefé - AM) relatou que grande parte dos mascarados usavam fantasias de animais

como touros, veados, magoaris, onças, entre outros, além de ter ajuda de leves armaduras, cobertos de panos envelhecidos (SILVA, 2012; CASCUDO, 1972).

Jorge Hurley traz um registro mais completo sobre os cordões de Bichos no Pará em 1934 onde faz a descrição dos cordões caseiros juninos do Município de Curuçá, sendo estes o *Pinicapau* (pica-pau), *Pavão*, *Garça*, *Aracary*, *Onça* e dos *Lavradores*, apresentando um resumo das comédias expostas por esses cordões. Observa-se que um dos pássaros apresentados é o pavão, que logo influenciaria novas brincadeiras em várias áreas do território amazônico, como no caso do Mocambo do Arari.

A pesquisa de Hurley foi analisada por Mário de Andrade em sua obra *Danças Dramáticas* (1982) e outros autores, posteriormente (SILVA, 2012). Para Alvarenga (1960) os Cordões de Bichos amazônicos representam legitimamente a categoria dos Reisados que possuem como núcleo temático a morte e ressurreição de um bicho ou planta. Esse tema se encontra em um bom número de manifestações populares brasileiras, como, por exemplo, o Bumba-meu-boi, Cabocolinhos, entre outros (ANDRADE, 1982).

Nos registros de apresentações de pássaros mais antigas na Amazônia, de acordo com Silva (2012) tem-se a data de 1877 onde Salles (1994) descobre na crônica paraense a exibição de “um curioso bando de Águias Reais” no Pavilhão da Flora, tablado erguido em 1840 no Largo de Nazaré durante os festejos do Círio da padroeira do Pará (SILVA, 2012). Encontram-se referências de pássaros desde 1900 “com influência dos bichos exibidos nas noites de Santos das fogueiras” (Menezes, 1993, p.356) como o Cordão de Pássaro “Mutum” (1905) e o “Coruja Real” (1901), rivais luxuosos nas festas juninas, feitas por outros autores como Campos Ribeiro analisado por Salles (1994).

Para Silva (2012) nas fontes citadas nota-se a não diferenciação entre Cordões de Pássaros, Pássaros e Bichos, mas, organiza-se os Cordões da seguinte forma, conforme Moura (1997): Cordões de Pássaros (ex. Rouxinol, Uirapuru, Guará); Cordões de Bichos, que subdividem-se em Mamíferos (ex. Onça; Boto, Preguiça), Répteis (ex. Lagarto, Jacaré), Peixes e Crustáceos (ex. Camarão, Arraia), Insetos (Borboleta encantada) e Criaturas Lendários (Curupira, Mapinguari).

Característico da zona rural, os Cordões de Pássaros e de Bichos tem seus nomes inspirados na fauna da região e são classificados como bailado popular no mesmo sentido que a Marujada, o Bumba-meu-boi, a Congada e outros movimentos. O pássaro combina bailado com um curto drama burlesco musicado, cujo centro temático é a morte e ressurreição de uma ave ou de uma caça da floresta e tem a participação de muitos indígenas, raros negros e brancos além do

fato de ser uma adaptação amazônica do Bumba-meu-boi, organizada para criança (ARAÚJO, 1973).

Cordões de Pássaros: os elementos religiosos e simbolismos na brincadeira

A fauna amazônica possui diversidade de pássaros que constituem a beleza e harmonia regional possibilitando representações de imaginários como exemplo o uirapuru que faz parte do lendário amazônico. Nesse ambiente de representações que constituem a sociedade da região, os simbolismos envolvendo pássaros são transmitidos de geração a geração dando continuidade a diversas formas de expressão de crenças e práticas locais.

O Pássaro Junino é uma manifestação “sobre e para o homem comum” por meio de “sua maneira de olhar e entender o mundo — às vezes contraditória, mas, talvez por isso mesmo, ricamente poética” (MAUÉS, 2010, p.41). Sendo um teatro feito pelo povo, apresenta suas concepções de mundo em forma de representações de simbolismos. Santos (2007) afirma que há uma imensa riqueza simbólica nos cordões de pássaros. Em sua narrativa o cordão traz a necessidade de fazer o pássaro voltar a vida após a perseguição que gera o ataque mortal. Esse enredo mostra a relação onde está instituída uma intervenção religiosa como forma de solução do problema que é o assassinato do pássaro. O tema da morte e ressurreição revela, por si só, uma dimensão simbólica do sagrado (FURLANETTO, 2011).

O recurso que serve de saída para a dificuldade é encontrado no meio sobrenatural, envolvendo sincretismos, uma vez que a ajuda para curar o pássaro vem do padre, ora do pajé ou do feiticeiro (ou mesmo da fada).

Ao pesquisar os cordões de pássaros na Amazônia, Moura (1997) aponta que o mundo sobrenatural e as instituições culturais existentes são resultados da relação dos meios culturais no processo de colonização da região e as transformações atualmente encontradas são provenientes das mudanças de uma sociedade colonial multiétnica. As obras concretizadas hoje são versões que vieram sendo modificadas ao longo do processo histórico da região e que acabaram por novos elementos que a sociedade capitalista na modernidade foi impondo. Sobre o exposto, Pareyson enfatiza:

Saberes culturais são marcados por uma cultura corporal simbólica, que traz um acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos que expressam as formas de viver e compreender o mundo, as representações, valores sociais, éticas e estéticas. O recorte para o campo de conhecimento, que trata da natureza artística, é absorvido em

seu simbolismo a traduzir o que o ribeirinho ‘toma’ para si da realidade, reescrevendo-a, redizendo-a num convite ao espectador a uma nova imagem, a um novo imaginar e a um novo dizer (1989, p.31).

Os saberes tradicionais também são caracterizados como arte, uma vez que, possuem a relação entre conhecer, produzir e exprimir. Geertz (1989) procura num sistema de significações culturais onde é presumível entender que o diálogo entre os homens ao longo da História, incorpora os símbolos² e permite a perpetuação e ampliação dos conhecimentos da vida, ligada a uma visão de mundo, significado do símbolo.

Entende-se que a brincadeira do cordão de pássaro envolve diversos simbolismos como maniqueísmos, ritos sagrados e profanos, natureza e celebração. O próprio cotidiano amazônico torna-se palco propício para que sociedades utilizem em seus imaginários representações da realidade frutos de suas vivências familiares e/ou com demais grupos sociais. Para Silva (2011) a cultura representa “um espaço onde trocas simbólicas são feitas constantemente”, onde elementos se misturam sem determinação de ponto de início ou término.

Simbolismos e religiosidade no cordão de pássaro Pavão Misterioso do Mocambo

A Agrovila está localizada no lago do Mocambo do Arari, onde se encontra mais três comunidades em seu entorno: Santo Antônio, São Pedro e São Tomé. Fica distante de Parintins cerca de 200 km a montante, e o acesso até a mesma só é possível por via fluvial em viagens que duram em média de 2 a 5 horas, dependendo da velocidade da embarcação.

A Agrovila São João do Mocambo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está enquadrada na categoria de vila, e somente esta recebe esse status, pois, trata-se da sede do distrito do Mocambo (lei Estadual nº 1707 de 23/10/ 1985) (SILVA, 2009, p. 72). Com aproximadamente 13 mil habitantes, o Mocambo do Arari possui estrutura de cidade sendo que, seus moradores a consideram como desenvolvida em termos de urbanização. Com a realização do Festival Folclórico no Mocambódromo durante o terceiro fim de semana do mês de julho, muitos turistas visitam a Agrovila e podem conhecer suas manifestações culturais, entre elas, o Pavão Misterioso.

²Os símbolos são códigos comunicativos e saberes que favorecem a construção de meios reais ordenados que dão pronto significado especialmente ao mundo social (BOURDIEU, 2010).

Realizado pela senhora Alaíde Pinheiro Bezerra o Pavão³ faz parte das memórias sociais da mesma em relação à sua família. A criadora do Pavão Misterioso do Arari “botou” o pássaro como tradição de seus entes. Conforme o pressuposto, Maria Roseli Sousa Santos em sua dissertação intitulada *Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na Ilha de Caratateua* destaca as narrativas de sua colaboradora Dona Zula onde percebe como o fato de “botar” o pássaro tem um valor ritual na estruturação social de sua família e está relacionado à cultura praticada em sua infância. Assim como Dona Zula, Alaíde Pinheiro investiu no Pavão os simbolismos e a religiosidade⁴ existentes em suas práticas familiares. Conforme Sousa:

As relações se travam entre o oral e o escrito compõem o universo materializado de um tempo passado-presente que se desnuda diante da condição de cada narrador e sua própria história e, esse aspecto singular, perceptível na dinâmica de cada narrativa colhida na ilha, é relevante quando se está dialogando com o morador-produtor cultural, seja ele o que está envolvido na construção da festa da padroeira, na organização do carnaval, ou mesmo, dos que põem os cordões de pássaro para “sair”(2007, p. 41).

Alaíde Pinheiro era agricultora, casada, mãe de 10 filhos, sendo oito legítimos e dois adotivos, era uma senhora alegre, que gostava de dançar nas festas que sua família sempre realizava, mais acreditava em milagres de santo, e também na cura através das plantas medicinais. Essas crenças foi o maior incentivo para que a brincadeira do Pavão Misterioso fosse criada por dona Alaíde (CUNHA E FERREIRA, 2014, p. 9).

No lago da Esperança, o cordão foi iniciado com 60 brincantes, 30 homens e 30 mulheres. Mas a participação de crianças sempre foi prioridade na festa. Elas são a linha de frente que conduz o cordão, representando a inocência. Jovens são os personagens que representam cada item, e os adultos, faziam parte de toda a organização do cordão eram distribuídos de acordo com cada função. No início, o cordão tinha 05 músicos, e dona Alaíde como criadora de todos os itens e compositora das músicas. Os ensaios aconteciam num barracão chamado limoeiro que foi construído no terreno onde fica a Igreja (CUNHA E FERREIRA, 2014, p. 10).

³ Sabe-se que “o pavão é um antigo símbolo cristão do Salvador” que é sacrificado, mas volta à vida (JUNG, 1990, p. 437).

⁴ A religiosidade de Alaíde Bezerra tem caráter popular (MALDONADO, 1986), pois, a mesma buscou sua cura numa relação direta com o divino (São João), sem a mediação de um clérigo. Alcançada a graça, ela “botou” o cordão Pavão Misterioso como brincadeira/pagamento da promessa.

As memórias da brincadeira realizada por seus antepassados fizeram com que Dona Alaíde continuasse a tradição oriunda de uma antiga lenda contada em vários lugares da Amazônia. Sobre o enredo lendário, Cunha e Ferreira (2014) utilizam da tradição oral pública, que narra:

Em algum lugar durante a colonização do Brasil, na Amazônia, conta-se uma história de uma família de negros que trabalhavam em uma fazenda onde tinha muitos animais, mas não podiam matar para comer, por isso estava passando por uma grande fome, o pai que era um bom caçador só caçava para a família do seu senhor, assim não havia como conseguir comida para sua família, porque, não podiam sair da fazenda sem autorização do dono da fazenda. O homem não aguentava mais ouvir os choros de seus filhos pedindo comida, então o caçador resolve ir procurar alguma coisa para eles comerem, e saindo durante a noite, não conseguindo matar nada, volta para a fazenda antes que seu senhor acordasse. Quando ia chegando ainda com escuro da madrugada, pensou “o que vou dar para os meus filhos e para minha mulher comerem”, nesse momento viu a linda ave de estimação do seu senhor chamada Pavão Misterioso, não tendo alternativa, usa sua arma e atira no Pavão de seu dono, matando a ave considerada a mais linda do terreiro. Como já era dia, não pode levar a linda ave para a sua casa para seus filhos comerem, deixou ali mesmo. E foi para casa esperar a hora de ir caçar para seu senhor.

Quando o dono da fazenda acordou, e viu a sua ave de estimação Pavão Misterioso morto, ficou muito irado e perguntou: “quem tinha feito aquele grande mal”. Os outros trabalhadores ficando com medo, falaram: “foi o negro caçador”. Quando o caçador soube que o amo já sabia que ele era o autor do crime, fugiu para a floresta. Então o amo do Pavão, convocou o chefe indígena, e ordenou que ele fosse com seus guerreiros em busca do caçador. Após busca intensa na floresta os indígenas capturaram o caçador e entregam para o amo do Pavão. Este, pergunta ao caçador: “por que você fez isso com minha ave de estimação?”. O caçador então explica o motivo, e o amo exige que faça sua linda ave viver. Depois de muito pensar como poderia fazer isso, lembrou que naquele lugar havia um Pajé que fazia remédios milagrosos. Então o negro caçador pediu para que ele fizesse o pavão viver. O Pajé começa sua pajelança usando ervas da floresta, casca de pau e coloca em uma cuia, preparando o remédio. Em seguida, benze a ave salpicando o remédio com um galho de vassourinha, uma plantinha que é muito usada para benzer quebranto nas crianças que ficam com febre e diarreia nas comunidades rurais, e falando as palavras mágicas faz o Pavão viver, e nesse ritual de cura, todos os que estão presentes na fazenda fazem parte do acontecimento, e quando o lindo Pavão Misterioso volta à vida o amo faz uma grande festa, e convida todos para participar de sua alegria.

O enredo acima é apresentado no Festival Folclórico do Mocambo. A promessa feita por dona Alaíde a São João Batista tem como pagamento a fundação da brincadeira do Pavão Misterioso no Lago da Esperança, uma vez que a devota ficou curada de sua enfermidade. Existe uma relação entre elementos simbólicos da religião e a vivência em sociedade. Este relacionamento é situado no curso dos casos de doença e morte, nos quais os indivíduos se apropriam, enfrentam e fazem reinterpretções dos símbolos de acordo com seus objetivos e interesses (RABELO, 1993).

A esse respeito, Cunha e Ferreira (2014) consideram que a brincadeira do Pavão Misterioso é oriunda da fé na tradição religiosa, da crença no poder do rito que é a promessa ao santo junino católico, uma vez que, as narrativas familiares também demonstram “a busca por significados aos eventos vivenciados, a partir de suas respectivas crenças religiosas” (BOUSSO et. Al., 2011).

O Pássaro é uma figura simbólica que possui poder social que congrega todos, trazendo consigo definição específica, que acaba por expor uma determinada “missão” que a fundadora, por tradição, tem que tomar frente a sua família e a toda a sociedade (SANTOS, 2007). Assim o pássaro se tornou uma manifestação social concretizada com grande auxílio das narrativas herdadas no meio familiar da criadora do Pavão Misterioso do Lago da Esperança.

Permanecendo na comunidade Lago da Esperança no período de 1977 a 1981 o cordão teve após esses cinco anos, quase de duas décadas de silêncio devido a mudança de dona Alaíde Pinheiro e sua família para outra localidade. A volta da realização da brincadeira do pássaro Pavão Misterioso só foi possível no ano de 1998, na comunidade de São Tomé do Mocambo do Arari com ajuda dos demais moradores da localidade. No entanto, o cordão é realizado em São Tomé por apenas um ano.

Em 1999, a brincadeira vem para São João do Mocambo do Arari, distrito sede, onde a fundadora do cordão passa a morar, mais precisamente no bairro Nossa Senhora de Lourdes. Alaíde continua a desenvolver a brincadeira no intuito de pagar sua promessa no arraial da festa de São João Batista, pois, é costume católico pagar o milagre recebido. Com ajuda de amigos, parentes e com seu próprio recurso financeiro, a fundadora do cordão consegue “botar” o Pavão Misterioso para se apresentar todos os anos no arraial do padroeiro até ser proibido pela Igreja Católica em virtude de diferente percepção sobre sagrado e profano do dirigente paroquial do período. Esse fator levou as brincadeiras a se tornarem festas diferenciadas e com outros objetivos (CUNHA E FERREIRA, 2014, p. 10-11).

Essas mudanças contribuíram para que brincadeira do Pavão Misterioso passasse a se apresentar como uma atração competidora no Festival Folclórico do Mocambo do Arari, que em 2003, realiza primeiras disputas, tendo o Pavão como vencedor da disputa dos pássaros. Desde então, o Pavão Misterioso vem participando do Festival, com um número significativo de brincantes. Até 2012, ganhou 5 (cinco) títulos de campeão.

Sendo o cordão Pavão Misterioso uma brincadeira feita por pares divididos em duas alas que dançam e cantam um atrás do outro, no centro das alas fica o espaço onde os itens realizam

suas evoluções. O Pavão Misterioso apresenta, desde sua gênese, personagens que representam a mitologia, o lendário e costumes da tradição local, além da reminiscência europeia. Destacam-se como itens do Pavão: o apresentador, o levantador de toadas, o caçador e sua mulher, o pajé, os tuxauas, a rainha, o rei, os camponeses, a fada, a rainha da floresta, o agricultor, a porta estandarte, os sertanejos, o pescador, o amo do pavão, o tripa, o pavão e o cordão de pássaro. Há também homenagens à sociedade ou a corpos celestes, demonstrando certo hibridismo cultural (CUNHA E FERREIRA, 2014).

No Mocambódromo da Agrovila do Mocambo do Arari, a festa começa com a entrada do *apresentador* que anuncia, anima e faz a leitura do histórico da brincadeira. Posteriormente, o levantador de toadas entra na quadra cantando as músicas do Pavão. Em seguida, as crianças entram e formam a linha de frente puxando o cordão junto com personagens representantes da lua, das estrelas e do sol. O pavilhão do santo homenageado também acompanha o cortejo festivo, sendo conduzido por uma moça caracterizada de índia. Se pode notar que “a performance simbólica investe os integrantes do folguedo de novas funções e deveres condizentes com o tipo de papel a ser desempenhado” (SILVA, 2011, p. 36).

Em seguida, entram os organizadores internos do cordão. São mulheres vestindo calça branca, e camisa de cores branca e azul e coreógrafo que comanda todos os movimentos que o cordão faz. Também surge na quadra o *príncipezinho* junto com a *princesinha*. Atrás da linha de frente vem o *cordão* formado por uma das filas composta por homens e mulheres que dançam no ritmo das músicas trazendo em suas letras a história local.

O Rei e rainha também entram na quadra representando o domínio europeu. Posteriormente surge a Rainha da Natureza, trazendo em sua roupa adereços, que são confeccionados com produtos reciclados, representando a flora, a fauna e demais elementos. A sereia ou Iara é que representa a mitologia e lendas amazônicas.

A Porta Estandarte traz o pavilhão que contém a figura do pássaro e seu nome. Ela vem caracterizada de índia, mostrando a força e importância dos indígenas na formação das comunidades amazônicas, no meio social ela representa a beleza da festa, o símbolo da crença popular. O pescador é um item que traz para o centro da quadra a cultura local. Sua evolução consiste na demonstração da prática da pesca com arreios artesanais (CUNHA E FERREIRA, 2014).

Surgem as alegorias feitas geralmente com material sintético, armadas com madeira reciclada. Nelas vêm os destaques que representam o folclore, lendas e mitos. A fada entra em cena

como um item protetor do pavão. Ela é um indício da representação do imaginário europeu, apropriado pelos brincantes locais, principalmente, através dos contos infantis de divulgação europeia. A fada ou feiticeira (em alguns cordões) representam a dimensão dualística muito bem apreendida pela maioria das religiões (SANTOS 2007).

Em seguida, surge o Pavão Misterioso, que é o centro da festa. Ele é um pássaro confeccionado com material sintético e com penas artificiais de cauda grande e colorida, com pigmentos de formatos de olhos. O pássaro é conduzido pelo “tripa” que durante a festa faz toda a evolução do Pavão, que é uma ave doméstica, mas, também pode ser encontrados nas margens dos rios amazônicos.

O personagem caçador é representado por um negro que mata o pavão de estimação do senhor (amo) da fazenda forçado pela fome que sua família passava. Desta forma, o item Amo do pavão é o dono da ave, sendo este de característica branco europeu, rico e senhor dos escravos. Outro item importante é o tuxaua que, segundo Carvalho (2014) é a figura do chefe indígena que possui grande poder político perante sua tribo.

Dentro do cordão de pássaro percebem-se várias influências de aspectos religiosos. No caso do pajé - curandeiro indígena chamado para ressuscitar o Pavão- verificamos a ligação entre o universo físico e espiritual em sua pajelança⁵, uma vez que, este personagem é o responsável pela cura do pássaro Pavão Misterioso. Compara-se aqui a função do pajé no cordão assim como no auto do boi-bumbá. A esse respeito, Carvalho (2014) considera que o curandeiro (pajé) da tribo indígena assume função estruturalmente análoga à do sacerdote clerical. Em termos, pajé tem papel de mediador da relação entre o mundo “real e o mágico, entre a vida, a morte e a ressurreição” (CARVALHO, 2014, p. 114).

Entre os itens, existe também o pavilhão do santo homenageado, que é conduzido por uma jovem caracterizada de índia. Ao lado desta surge um casal de sertanejos que dançam vestidos de roupas num estilo gaúcho: calça comprida, camisa de mangas compridas, botas e chapéu de couro (CUNHA E FERREIRA, 2014). Os brincantes do cordão de pássaro Pavão Misterioso dançam descalço e usam chapéus pintados de branco, azul e verde para demonstrar indícios de que a brincadeira representa as classes populares.

⁵ Conjunto de atividades rituais realizados por um pajé em determinada ocasião e com fim específico, como cura, previsão de acontecimentos, propiciação de potências sobrenaturais (FERREIRA, 1999, p. 1475).

O Pavão ostenta como cores oficiais o azul, o branco, o verde e o vermelho. Mas, indumentárias também podem ter tons coloridos variados. Cunha e Ferreira (2014) também ressaltam que o azul e o branco nas roupas vestidas pelo amo, rainha e rei são exemplo da presença do Cristianismo na América, uma vez que o azul era a cor predominante dos cristãos na luta contra os mouros que ostentavam vermelho (BRAGA, 2007).

Como ponto culminante da celebração do cordão de pássaro no Mocambo do Arari, a morte e ressurreição do Pavão Misterioso (Figura 1) chama a atenção para representação do milagre da volta à vida. Para Silva (2011, p. 36) “o morrer metafórico transcende o lado material do corpo, possibilitando o emergir renovado com a ressurreição”. Todo ano o pássaro Pavão Misterioso morre e ressuscita de forma simbólica para seus devotos e torcedores do Mocambo do Arari.

Figura 1: Itens no Auto da morte do Pavão Misterioso.



Fonte: Acervo de Jéssica Dayse Matos Gomes (2016).

Hoje a brincadeira do Pavão Misterioso realizada na Agrovila do Mocambo do Arari cresceu em termos de manifestação e passou a ter um maior sentido de bem cultural do lugar. Maclaren & Giroux (2000) consideram que o mundo é construído simbolicamente através da interação social. Este é muito dependente da cultura, do contexto, dos costumes e da especificidade histórica.

O cordão de pássaro pode ser considerado um bem simbólico de natureza imaterial para os moradores do Arari, uma vez que, de acordo com Leite (2008) o valor simbólico é decorrente

da importância atribuída pela memória coletiva que nos conduz a descobrir seu significado histórico-social, restaurando o passado em relação ao presente, e a idealizar o patrimônio dentro de perímetros possíveis, constituídos pelo conhecimento. Oliveira (2008, p. 135) considera que:

É preciso reforçar que os bens que configuram o patrimônio têm, ao mesmo tempo, um sentido prático e simbólico. Fala-se de objetos que têm ‘ressonância’, que fazem a mediação entre o passado e presente, entre imaterial e material, entre alma e corpo, que são condições e efeito de determinada modalidade de autoconsciência.

O cordão do Pavão Misterioso apresenta esta relação passado/presente onde a promessa desenvolveu a brincadeira. As simbologias do cordão são constantes na apresentação do pássaro no Festival do Mocambo do Arari. Entende-se que ocorre a existência de algo que Pierre Bourdieu (2006) intitula de *campo simbólico*, território onde se produziria significantes e significados a serem usados por “agentes detentores do capital econômico e/ou simbólico para inculcar no povo determinado *habitus*, que seria o *princípio unificador* e *gerador* das práticas, representadas pela soma [(*habitus*) (*capital*)] + *campo* (BOURDIEU, 2008, p. 97; SILVA, 2011, p. 46). Nesse espaço se realizam relações sociais produzindo os bens materiais e imateriais de acordo com a característica do grupo cultural.

Os elementos simbólicos presentes no cordão de pássaro Pavão Misterioso possuem várias influências ligadas à formação histórico-social da Amazônia. Envolvem-se os sincretismos, maniqueísmo, sagrado e profano em virtude da crença do milagre e a celebração da graça alcançada nas relações dos moradores desde o Lago da Esperança até o distrito de São João do Mocambo do Arari. Os personagens das festas representam imaginários, status, crenças e papéis sociais. O Pavão Misterioso representa símbolos que são importantes para a identidade cultural dos moradores da zona rural do município de Parintins.

Considerações Finais

A promessa da senhora Alaíde Pinheiro Bezerra se cumpre a cada ano no Festival Folclórico do Arari, mesmo que tenha mudado o rumo de sua intenção que era apresentar o cordão no arraial do santo de devoção. A brincadeira permanece na memória e prática social, se adaptando a novas necessidades, atendendo fins comerciais ligados ao turismo, que cresce cada vez mais no Distrito do Mocambo.

O Pavão Misterioso, hoje é administrado por América Teixeira que desde a morte de Aláide Pinheiro Bezerra vem buscando realizar a promessa da fundadora do cordão e adequar a brincadeira às necessidades do evento. Com o crescimento da brincadeira, os custos também aumentaram e o incentivo financeiro é limitado, sendo que ainda os integrantes utilizam seus próprios recursos para manter o Pavão Misterioso na quadra do Mocambódromo.

É inevitável o surgimento de mudanças no cordão, uma vez que, os aspectos simbólicos do folguedo podem ser constantemente (res) significados por indivíduos que possuem relação de pertencimento com o Pavão Misterioso.

O cordão de Pássaro Pavão Misterioso é um símbolo de grande expressão assim como os demais folguedos existentes na Amazônia. Ele possui grande riqueza cultural em sua estrutura, pois, mostra a crença, o sagrado e o profano, a miscigenação, a identidade e os problemas sociais também. Percebe-se a alegria e a beleza que o cordão causa em seus devotos torcedores e participantes, além das diversas representações estabelecidas pelos moradores da região do Arari. A manifestação do cordão é um território onde as simbologias representam o legado histórico-cultural do povo do Mocambo do Arari.

Referências Bibliográficas:

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1960.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Volume 1,2 e 3. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BOUSSO, Regina Szyliet; et. al. “Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença”. In: **Rev Esc Enferm USP**, 2011; 45(2), pp. 397-403. Disponível em “www.ee.usp.br/re USP”.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. “Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades”. In: **Centro de Estudos Sociais** – Universidade de Coimbra (org.). *Oficinas do CES*, 2007, v. 288.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.

CARVALHO, Rui Manuel Sénico. **Parintins: boi-bumbá e afirmação identitária** – Discurso, representações, sonoridades e identidade no Amazonas Contemporâneo. Tese (doutorado em Música). Campinas: Universidade Federal de Campinas, 2014.

CUNHA, Raimunda Rosa Bezerra. **Pavão Misterioso: história de uma festa popular ocorrida na agrovila do Mocambo do Arari, município de Parintins**. Artigo de conclusão do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas. Parintins: UEA, 2014.

FURLANETTO, Beatriz Helena. “Boi-de-mamão no litoral paranaense: que tradição é essa?”. In: **Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Curitiba, EMBAP, 2011.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Obras Completas vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1990.

LEITE, Edson. “Lazer, turismo, folclore e tradições populares no Brasil”. In: **Raízes**, nº 37-38, 54 dez. 2008. pp. 54-58

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MALDONADO, L. “Religiosidade popular: dimensões, níveis, tipos”. In: **Revista Concilium**. Petrópolis, Vozes, nº 206 (4), pp. 06-14, 1986.

MAUÉS, Marton. “Pássaros juninos do Pará: a matutagem e suas relações com o cômico popular medieval e renascentista”. In: **Repertório: Teatro & Dança**. Salvador, ano 13, n. 14, pp. 37-41, 2010. Disponível em «<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2034/1/4662-11938-1-PB.pdf>». Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

MCLAREN, Peter; GIROUX, Henry. “Escrevendo das margens: Geografias de Identidade, Pedagogia e Poder”. In: MCLAREN, Peter (org.). **Multiculturalismo revolucionário**. Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artmed, 2000. pp. 25-49.

MENEZES, Bruno de. *Obras completas de Bruno de Menezes*. Vol. 2. Folclore. Belém: Secult, 1993. (Série Lendo o Pará, 14).

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo**. Belém: Secult, 1997.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

PAREYSON, Luigi. **Problemas de Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RABELO, Miriam Cristina. “Religião e cura: algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas”. In: **Cad. Saúde Pública** [online]. Rio de Janeiro, vol. 9, n. 3, pp. 316-325, jul/set 1993. Disponível em «<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300019>».

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará**: ou, Apresentação do Teatro de épocas. Belém: UFPA, 1994.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. **Entre o rio e a rua**: cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na Ilha de Caratateua. Dissertação (Mestrado). Belém: Universidade do Estado do Pará, 2007.

SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins**: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Geografia). Manaus: UFAM, 2009.

SILVA, Rosa Maria Mota da. **O Cordão de pássaro corrupção**: uma prática musical Bragantina. Tese (Doutorado em Música). Salvador: UFBA, 2012.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa**: (re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970). Dissertação (Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2011.